

HÁ EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO NA LIBRAS?: UMA INVESTIGAÇÃO DESCRITIVA NO CURSO LETRAS LIBRAS

Rodrigo Nogueira Machado¹ (UFC)

Introdução

Atualmente, há no mundo em torno de seis a sete mil línguas², dessas línguas, aproximadamente 141 são línguas de sinais³. Essas línguas estão espalhadas em comunidades linguísticas, ou países, diferentes, podendo, inclusive, muitas delas coexistirem em um mesmo país. O fato é que as línguas existentes no mundo mantêm e desenvolvem algum nível de interação, ou seja, os falantes de uma determinada língua mantêm contato com falantes de outras línguas, seja pelas relações políticas, comerciais, culturais e/ou étnicas, por meio do uso das tecnologias ou dos processos de globalização, e isso ocorre numa crescente.

Levando em consideração o fator “Empréstimo”, esta pesquisa tem a finalidade de analisar e discutir esse fenômeno de trânsito de léxicos de línguas de sinais estrangeiras para a Língua Brasileira de Sinais – Libras, considerados como Empréstimos Linguísticos. Este estudo é aportado na Sociolinguística e seu foco dá-se no contato linguístico entre línguas, ou seja, nas Línguas em Contato. Este trabalho foca apenas línguas de mesma modalidade de realização, neste caso, línguas de modalidade visual-espacial, como as línguas de sinais.

A maior parte das pesquisas existentes é voltada às influências lexicais que se originam no cotidiano das línguas em contato, por estarem no mesmo território nacional, neste caso, a língua portuguesa e a Libras. Conforme Faria (2009) e Nascimento (2010), os Empréstimos Linguísticos na Libras, especificamente relacionados à Língua Portuguesa, são mais investigados academicamente no Brasil do que os empréstimos entre as línguas de sinais. No entanto, o fenômeno de contato linguístico entre a Libras (modalidade visual-espacial) e a Língua Portuguesa (modalidade oral-auditiva), não é o foco principal desta pesquisa e sim o fenômeno linguístico que compreende a entrada de léxicos de outras línguas de sinais, de mesma modalidade, na Libras. Portanto, a presente pesquisa visa contribuir para a expansão desses estudos que são quase inexistentes no Brasil.

Para o estudo e descrição da tipologia de Empréstimos Linguísticos é importante entender como acontece o processo de transferência de léxicos a partir dos contatos linguísticos entre usuários de língua de sinais distintas. Além de compreender a situação da própria língua como

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Assistente de Linguística do Departamento Letras Libras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

² BORTONI-RICARDO, 2014.

³ Compêndio *Ethnologue*, no site: <http://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>

viva, que não é estática e sim dinâmica, esta pesquisa almeja a organização de categorias de Empréstimos Linguísticos. Baseando-se na proposta feita por Carvalho (2009), este estudo procurou categorizar os Empréstimos Linguísticos percebidos na Libras e mostrou como acontece o trânsito de léxicos, estrangeirismos, que podem vir a ser Empréstimos Linguísticos nesta língua.

A coleta de dados deste trabalho centra-se na observação de videoaulas de produções sinalizadas em Libras por apresentadores e atores do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da primeira turma de 2006. É importante frisar que a entrada de léxicos na Libras pode acontecer a partir da influência de qualquer contato linguístico ocorrido em eventos internacionais, congressos, cursos, viagens, mídias, redes sociais etc. Não é exclusivamente das videoaulas do curso de Letras Libras. Porém, nesta pesquisa, a metodologia seguida para o processo de registrar as ocorrências foca as videoaulas do curso. Assim, a partir da análise e descrição dos dados, procurou-se identificar como se dá a entrada do léxico de outras línguas de sinais na Libras. A hipótese desta pesquisa foi: Há Empréstimos Linguísticos de outras línguas de sinais nos textos em Libras produzidos para o curso de Letras Libras. Diante dessa hipótese, o objetivo principal foi verificar e validar quais sinais poderiam ser considerados como empréstimos de outras línguas de sinais. A seguir, apresento os passos metodológicos que envolveram este estudo.

Metodologia

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa e se insere no grupo das investigações descritivas, uma vez que procura descrever o fenômeno linguístico das ocorrências de Empréstimos Linguísticos das Línguas em Contato. Uma estratégia marcante deste estudo foi o levantamento dos vídeos do curso de Letras Libras para a construção do *corpus* de pesquisa. A descrição dos aspectos do processo e fases de adoção dos Empréstimos Linguísticos de unidades lexicais entre línguas de sinais tomou como base a classificação e tipos de Empréstimos Linguísticos propostos por Carvalho (2009), estudo realizado com a Língua Portuguesa. Com a Libras, selecionei apenas a segunda categoria da classificação de Carvalho (2009), a categoria da fase de adoção.

Logo abaixo, descrevo quais os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho.

Primeira etapa: A coleta de dados foi feita por meio dos vídeos utilizados no material didático disponível aos alunos, as videoaulas do curso de Letras Libras. O olhar sob o material teve o objetivo de identificar, nas narrativas sinalizadas, de atores ou apresentadores,

e nos materiais disponíveis em línguas de sinais, o uso ou o registro dos possíveis sinais que caracterizam Empréstimos Linguísticos de outras línguas sinalizadas. Somente foi possível a observação das videoaulas de 6 disciplinas, são elas: Fundamentos da Educação de Surdos; Estudos Linguísticos; Introdução aos Estudos da Tradução; Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas; Fonética e Fonologia; Escrita de Sinais I. A seleção dessas disciplinas se deu de maneira aleatória, foram selecionadas disciplinas do primeiro e do segundo semestre. Para que eu pudesse perceber e identificar no léxico sinalizado o que era empréstimo linguístico de outras línguas de sinais, fiz uma observação de forma bem natural levando em consideração a intuição deste pesquisador.

Segunda etapa: A análise teve como base a categorização dos sinais (verbetes) considerados como “Empréstimos Linguísticos” para a descrição dos processos de incorporação e influência desses empréstimos. Após essa identificação, a análise também trouxe referências da tipologia proposta por Carvalho (2009): mapeamento, categorização e conceituação, tendo em vista que o estudo de empréstimos entre línguas de sinais pode gerar outras categorias não estabelecidas pelas pesquisas supracitadas. Neste estudo, fiz o recorte da classificação de Carvalho (2009) que limitou-me a explorar a categoria da fase de adoção. Nessa fase de adoção, temos o processo de entrada de léxico na língua, dividida em três tipos: estrangeirismo, empréstimo e xenismo. Considera-se estrangeirismo o termo que não perde a sua forma original e significado da língua importadora e que pode ter uso prolongado ou mais curto, vindo a sumir com o tempo. Tem sua classificação como anglicismo, galicismo, latinismo, helenismo etc. Este tipo de uso é mais individualizado. O empréstimo tem sua identidade naturalizada na língua de chegada. Primeiramente o termo é aceito e a sua incorporação sofre adaptações de ordem linguística para entrar na língua. Assim o termo pode ser adotado, rejeitado ou substituído. Carvalho (2009) afirma que “os empréstimos pressupõem uma interpretação e uma adaptação à estrutura da língua importadora”. A natureza das adaptações pode ser de ordem: gráfica, fonológica, morfológica e sintática. Pode-se comparar, por exemplo, utilizando a dicotomia saussuriana *langue/parole*. Enquanto o estrangeirismo faz parte da *parole* (uso individual), o empréstimo passa a ser um elemento da *langue*, já socializado. De acordo com Bastarrica (2009), “como se observa, o estrangeirismo parece fazer parte da escolha individual do falante; o empréstimo, por sua vez, é de natureza social e deve ser reconhecido como tal pela comunidade linguística”. O último tipo deste grupo, o xenismo, designa a palavra cuja forma gráfica permanece a mesma da língua original, o que tem grande frequência. Por exemplo, os nomes próprios como Mary, Giovanni, George, Margot, Janette; os lugares como Washington, Tel-Aviv, Houston; nomes das coisas

ou objetos como software, show etc. Estes continuam com aparência estrangeira. Um exemplo é a igreja de Paris, França, que se chama Notre-Dame de Paris e não se traduz como Nossa Senhora de Paris. Também têm as siglas como AIDS, Laser, Radar, VIP, CD, DVD, iPod, MSN. De acordo com Carvalho (2009), o empréstimo é o estrangeirismo adaptado de várias formas.

Neste estudo, procurei identificar o máximo de sinais considerados como Empréstimos Linguísticos, para isso considerou-se as categorias elencadas nos estudos citados anteriormente.

Terceira etapa: Para a coleta e transcrição de todas as videoaulas, utilizou-se o programa de notação *ELAN*, *Eudico - Anotador Linguístico*, encontrado no site <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>. O *ELAN* é um programa desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, Nijmegen, da Holanda, com objetivo de facilitar as anotações de sinais relacionadas às gravações em vídeo, pois traz a possibilidade de se criar uma linha de tempo para cada entrada de transcrição, com a localização exata, no vídeo, dos Empréstimos Linguísticos de outras línguas de sinais.

Quarta etapa: Após os dados encontrados nos vídeos com a ajuda da ferramenta *ELAN*, para verificar se os sinais encontrados eram empréstimos ou não, seguiu-se com a pesquisa nos dicionários e com as entrevistas para validação dos itens lexicais considerados Empréstimos Linguísticos na Libras. Assim, a seleção dos dicionários de línguas de sinais de outros países seguiu o critério de serem materiais disponíveis *on-line* e de serem das línguas que, supostamente, são as que mais servem de fonte de Empréstimos Linguísticos para a Libras. Os dicionários selecionados foram de Língua de Sinais Internacionais (SI), de Língua Francesa de Sinais (LSF), de Língua Americana de Sinais (ASL)⁴ – que se supõe ser a de maior ocorrência de empréstimos. A seleção das línguas citadas acima se justifica por serem estas as línguas de sinais que estabelecem relações singulares com a Libras. A LSF é a língua que historicamente estabelece vínculo de herança linguística, pois a primeira escola de surdos no Brasil foi organizada por um professor surdo convidado pela corte imperial, o professor E. Huet, conforme explicitado anteriormente no capítulo teórico (ROCHA, 2007; CAMPELLO, 2011). A ASL é considerada uma língua “irmã” da Libras, pois o processo de influência linguística ocorreu de modo semelhante, as duas pertencem à mesma família linguística (McCleary, 2008). E por último, a Língua de Sinais Internacionais⁵ tem se estabelecido como

⁴ Os dicionários utilizados nesta pesquisa: Dicionário da LSF: http://www.lexilogos.com/langue_signes.htm ; Dicionário da ASL: <http://www.handspeak.com/word/>; Dicionário da SI: <http://www.handspeak.com/world/isl/>

⁵ Há uma discussão entre pesquisadores se a Língua de Sinais Internacionais é uma língua de fato ou se é uma

meio de comunicação em grandes eventos de surdos, tanto culturais e esportivos, quanto em eventos acadêmicos. Soma-se ainda o conhecimento que este pesquisador tem em relação às três línguas, o que poderia tornar o processo de identificação dos estrangeirismos na Libras mais fácil, possibilitando, o reconhecimento e a identificação do léxico que pode ser de origem de outras línguas de sinais.

As línguas de sinais que não são conhecidas por este pesquisador não foram efetivamente consideradas nesse estudo, o que poderia ser fator complicador no reconhecimento dos possíveis estrangeirismos provenientes destas línguas. Esse fato, entretanto, não descarta, em absoluto, a existência de Empréstimos Linguísticos de dessas línguas de sinais para a Libras.

Quinta etapa: Após a organização dos dados encontrados – léxicos considerados Empréstimos Linguísticos –, foi feita uma averiguação em dicionários *on-line* para a confirmação ou não da existência desses léxicos nas línguas investigadas. Porém, alguns léxicos não foram identificados nos dicionários, desta forma foi pensado em uma estratégia para minimizar esse problema. Optou-se pela realização de duas etapas de entrevistas, a primeira com os sinalizantes dos vídeos pesquisados, com o intuito de analisar e confirmar se o léxico utilizado era pertencente à outra língua de sinais que não a Libras. Depois de confirmados os itens lexicais, passei para a segunda entrevista que foi realizada com os sinalizantes nativos das línguas de sinais estrangeiras pesquisadas neste estudo. O objetivo era finalizar essa etapa da pesquisa com os itens lexicais conferidos e convalidados. Ressalto a importância dessas entrevistas, pois a partir delas é possível assegurar a confirmação e convalidação dos léxicos considerados Empréstimos Linguísticos na Libras. As entrevistas do primeiro momento tiveram a participação de oito sinalizantes dos DVDs das disciplinas, e foram realizadas através de videochamada com a utilização de programas como o *Skype* e o *FaceTime*, dependendo da preferência de cada entrevistado. Durante as entrevistas foram realizadas as gravações dos vídeos da conversa entre pesquisador e pesquisado. Essa gravação foi realizada pelo programa *QuickTime Player* e o objetivo era possibilitar ao pesquisador rever as entrevistas para ter melhor precisão acerca das informações sobre os dados, a fim de garantir uma convalidação dos sinais pesquisados. A elaboração de um roteiro de entrevista como técnica de coleta de dados permitiu ao pesquisador formular as questões previamente, facilitando posteriormente o norte da entrevista e as anotações necessárias para sanar dúvidas em relação ao léxico pesquisado. O segundo momento da entrevista teve a participação de 6

espécie de *pidgin*. Isso porque parece não ser uma língua tão complexa como as línguas de sinais naturais e tem um léxico limitado. É uma língua formada por várias línguas de sinais em contato. Neste trabalho a língua de Sinais Internacionais será concebida com o mesmo status das línguas de sinais genuínas.

sujeitos, todos estrangeiros: dois americanos, falantes da ASL; dois franceses, falantes da LSF; e dois falantes fluentes em SI. O objetivo desse momento era conferir com os falantes das línguas estrangeiras se de fato os sinais pesquisados eram sinais da língua de seu país. Cada estrangeiro somente conferiu os sinais da sua língua de sinais, por exemplo, os americanos conferiram somente os sinais da ASL e não os da LSF; assim como os franceses conferiram somente os sinais da LSF e não os da ASL. Desta forma, as informações colhidas nas entrevistas foram utilizadas para confirmar ou revisar os dados já identificados. A entrevista, também, teve o objetivo de compreender os usos dos termos identificados pelos próprios sinalizantes.

Sexta etapa: Por fim, apresento como são categorizados os Empréstimos Linguísticos identificados nos vídeos, entre as línguas de sinais analisadas, isto de acordo com a tipologia proposta por Carvalho (2009), levando em consideração o recorte feito pelo pesquisador.

Análise dos dados e apresentação dos resultados

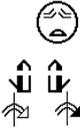
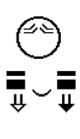
De acordo com a proposta de Carvalho (2009), a fase de adoção é o processo de entrada do léxico na língua esta dividida em três grupos: estrangeirismos, empréstimos e xenismos. Os dados encontrados foram de 25 itens lexicais, dos quais 13 itens foram classificados como estrangeirismos, 9 itens lexicais como empréstimos e 3 itens lexicais como xenismos.

O **estrangeirismo**: Ao todo foram encontrados 13 itens lexicais, dentre os quais 6 foram classificados como alternância de código⁶ e 7 como estrangeirismo no cerne da palavra.

Os 6 itens lexicais a seguir, extraídos dos DVDs, são exemplos de estrangeirismos utilizados pelos sujeitos pesquisados enquanto alternância de código. Nas entrevistas, os sujeitos informaram que utilizaram esses sinais, muitas vezes, sem se perceber, embora alguns tenham admitido que mesmo percebendo o uso desses sinais, os utilizam esporadicamente, eles não fazem parte do seu vocabulário diário na Libras. A alternância de código ocorre somente com falantes bilíngues, multilíngues ou plurilíngues. A alternância de código pode acontecer com ou sem a intenção do falante. Veja a tabela 1:

⁶ É comum acontecer na produção de língua por indivíduos bilíngues um fenômeno linguístico chamado de alternância de código, há uma semelhança desse processo com a interferência linguística. Em inglês *code-switching*.

Tabela 1 | Exemplos de estrangeirismo 1

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
FALAR			ASL
MORRER			ASL
PODER			ASL/SI
PROCURAR			ASL
QUERER			ASL/LSF
WOW!!!			ASL

Fonte: Elaboração própria.

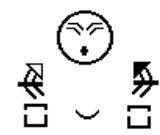
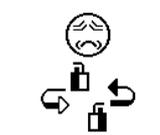
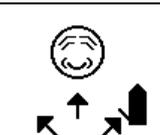
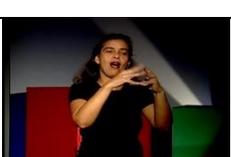
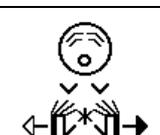
O sinal de ‘FALAR’ utilizado pela sinalizante é um sinal da ASL, este sinal apareceu rapidamente no vídeo, quase não se percebe, isto mostra a naturalidade do interlocutor ao se expressar em Libras e ao utilizar o léxico da ASL no processo de sinalização da videoaula. O sinal de ‘PROCURAR’ também é da ASL e, novamente, apareceu espontaneamente sem a intenção do falante, da mesma forma aconteceu com o sinal ‘QUERER’. Ainda da ASL, curiosamente, o falante utilizou o sinal de ‘WOW’, também como um tipo de alternância de código, utilizado em um momento de emoção. Os sinalizantes que realizaram estes sinais são fluentes em Libras e ASL.

O item lexical ‘MORRER’ é considerado estrangeirismo, mas essa não é considerada uma situação de alternância de código. O sinalizante não é fluente na ASL, apenas em Libras, ele fez o curso de ASL e, sob essa influência, se expressou com sinais da ASL. Já a utilização do

signal 'PODER', da ASL e também da SI, pode ser considerada uma situação de alternância de código, uma vez que a sinalizante possui fluência em SI e na Libras, embora ela tenha utilizado o sinal apenas em um momento.

Em relação à segunda forma, foram identificados 7 itens lexicais. Nas entrevistas, os pesquisados informaram que utilizaram esses sinais naturalmente, que eram sinais que tinham uma expressão mais visual, como os classificadores, que poderiam se aproximar da iconicidade. Esses sinais podem se transformar em empréstimos, vai depender da utilização da comunidade de falantes, no momento ainda são parte de estrangeirismos.

Tabela 2 | Exemplos de estrangeirismo 2

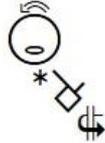
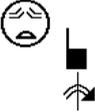
ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
APRENDER			SI
FORTE			ASL/LSF/SI
MUDAR			ASL/SI
MUITO (Intensidade)			ASL/SI
QUE			ASL/SI
SEUS (Sistema pronominal)			ASL/SI
SOLUCIONAR			ASL/SI

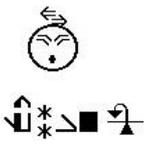
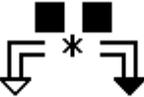
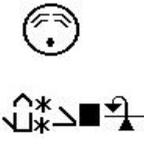
Fonte: Elaboração própria.

Nos itens lexicais acima, há expressões gestuais próximas à iconicidade e expressões faciais que mostram bastante intensidade, com possibilidades de serem utilizados em qualquer língua de sinais. Esses sinais poderiam vir a serem empréstimos, ou seja, sinais que sofrem alguma adaptação para acomodar-se melhor na língua receptora. A maioria dos entrevistados afirmou que não pensaram nos léxicos como sendo de uma língua estrangeira e que os utilizaram como sendo sinais da Libras, embora durante a entrevista tenham reconhecido que estes sinais são de outras línguas de sinais.

Os **empréstimos**: Foram encontrados 9 sinais que têm a sua identidade naturalizada na Libras. Conforme tabela 3:

Tabela 3 | Exemplos de empréstimos.

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
AVEA			LSF
FONOLOGIA			ASL
LÍNGUA			ASL
LINGUÍSTICA			ASL/LSF
PRIMEIRO			ASL/SI
RESPONSÁVEL			ASL

SIGNIFICADO			ASL/SI
SISTEMA			ASL/SI
TRADUÇÃO			LSF

Fonte: Elaboração própria.

Os 9 itens lexicais acima já estão naturalizados como sinais da Libras. Quando iniciou o curso de Letras Libras da UFSC, muitos sinais que não existiam passaram a ser utilizados por causa do curso. O sinal de ‘AVEA’ – Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – é um exemplo disso. O surgimento deste sinal teve a sua origem no sinal de ‘VIDEOCONFERÊNCIA’ da LSF, foi utilizado um morfema da LSF que é a configuração de mão passiva em “L” e foi alterado o movimento da mão dominante em sua configuração de mão para ‘mão aberta’, dessa maneira se obtém o sinal de ‘AVEA’. Assim, Foi criado, aqui Brasil com grupo de Glossário Letras Libras da UFSC, uma proposta de sinal para ‘AVEA’, como uma mistura da LSF e da Libras.

O sinal de ‘SISTEMA’, ‘PRIMEIRO’ e ‘RESPONSÁVEL’ são empréstimos que já foram naturalizados na Libras, estes sinais têm origem na ASL e são também dos SI. O primeiro e o segundo sinal não sofrem nenhuma alteração fonológica no léxico para a entrada na Libras, eles mantiveram as suas aparências estrangeiras, enquanto o terceiro sofreu adaptação fonológica de origem na configuração de mão ‘mão aberta’ da ASL para ‘R’ na entrada do léxico na Libras.

Os sinais ‘PRIMEIRO’ e ‘RESPONSÁVEL’ tinham sinais próprios na Libras antes de tomarem outros sinais como empréstimo linguístico. Nas entrevistas, os sujeitos em alguns momentos utilizaram o sinal de ‘PRIMEIRO’⁷ em Libras, que ainda não deixou de ser usado completamente, e em outros momentos utilizaram o sinal ‘PRIMEIRO’ da ASL como empréstimo. Uma das entrevistas mostrou como se deu o empréstimo do sinal

⁷ Orientação: mão esquerda horizontal aberta, palma para a direita; mão direita fechada, palma para baixo, polegar distendido. Passar a ponta do polegar para cima sobre a palma esquerda, apontando-o para cima, o polegar de uma mão esfrega na palma da outra mão.

‘RESPONSÁVEL’. Após o ano de 1989, o surdo Antônio Campos de Abreu⁸ foi aos Estados Unidos e em contato com a ASL gostou do sinal utilizado para designar ‘RESPONSÁVEL’. Voltando ao Brasil, passou a utilizar e a disseminar este sinal em detrimento do sinal ‘RESPONSÁVEL’ existente em Libras (área+responsável “R”) na época. O sinal antigo parecia ter desaparecido. Porém, verifiquei que não houve desaparecimento do sinal, apenas uma mudança no sinal, uma vez que o morfema ‘ÁREA’ foi retirado do sinal e ficou somente o morfema ‘RESPONSÁVEL’. Na ASL o sinal de ‘RESPONSÁVEL’ é realizado sobre os ombros, significando compromisso.

Os sinais de ‘LINGUÍSTICA’⁹, ‘FONOLOGIA’ e ‘SIGNIFICADO’ são empréstimos da ASL. Na LSF existe este sinal de ‘LINGUÍSTICA’ também. E o sinal de ‘SIGNIFICADO’ também é utilizado nos SI. Estes três sinais não existiam na Libras. Através das entrevistas, observei o quanto parecia ser comum os léxicos da área de linguística da ASL se introduzirem na Libras como empréstimos, lembrando que antes não havia sinais na área de linguística da Libras. Percebi a possível influência de uma entrevistada – a professora Marianne – no processo de empréstimos no campo da linguística, uma vez que a mesma havia trazido estudos dos EUA para o Brasil. A entrevistada afirmou que, quando iniciou os estudos linguísticos no Brasil, em 1997, começou a utilizar os sinais da ASL como empréstimos na Libras. Isso aconteceu naturalmente, por exemplo, com os sinais ‘FONOLOGIA’, ‘MORFOLOGIA’ e ‘SINTAXE’; que eram próprios da ASL e passaram a ser utilizados na Libras. Ou seja, o processo de importação de termos próprios da área da Linguística da ASL para a Libras teve início em 1997 e continuidade em 2006. Logo depois se iniciou o curso de Letras Libras da UFSC (2006) que organizou um grupo para estudo e organização de um Glossário para o Letras Libras, esse glossário serviu para a publicação dos DVDs do curso que ajudaram na divulgação e disseminação dos sinais.

O sinal de ‘LÍNGUA’ já existia em Libras, sua realização se dava com uma mão em configuração em U (palma para baixo, próxima à língua. Mover a mão para frente, duas vezes, oscilando os dedos). Porém, após a entrada de vários léxicos da ASL na Libras, referentes à área da linguística, o sinal de ‘LÍNGUA’ da ASL também passou a ser utilizado enquanto empréstimo na Libras. Hoje, há uma variação no uso desse sinal, que pode ser

⁸ Prestou serviços voluntários na Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos há mais de 20 anos.

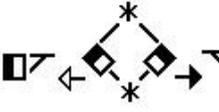
⁹ O sinal de ‘LINGUÍSTICA’ possui variação fonológica nos parâmetros. Originalmente é um sinal da ASL, sua formação em ASL é em mãos em L, palmas para baixo, ponta dos indicadores se tocando em lados opostos no espaço neutro; mover as mãos para diante do peito em lados opostos, balançando-as e então fechá-las em CM 8. Na Libras existe o mesmo sinal da ASL e mais duas variáveis, na primeira utiliza-se a ponta dos indicadores diante da boca e na segunda utiliza-se a ponta dos polegares diante da boca.

também regional. Os dois sinais são utilizados. O sinal antes existente na Libras parece ser usado mais no nordeste, enquanto o sinal adotado da ASL parece ser usado mais no sul do Brasil.

Em relação ao sinal de ‘TRADUÇÃO’, ainda há dúvida de sua origem, os entrevistados não souberam informar a procedência do sinal, alguns acreditam que é empréstimo, outros dizem que não é empréstimo. Aqueles que dizem que é empréstimo lembram que aqui no Brasil nunca tinham visto o sinal de ‘TRADUÇÃO’ e que usavam o sinal de ‘INTÉRPRETE’¹⁰ para designar tal conceito. Depois do início do curso de Letras Libras, foi que passaram a utilizar o sinal de ‘TRADUÇÃO’¹¹. Alguns entrevistados acreditam que o sinal ‘TRADUÇÃO’ é advindo da LSF.

O **xenismo**: Foram encontrados 3 sinais nos dados desta pesquisa, todos substantivos. Os nomes próprios como ‘VALERIE SUTTON’ e ‘WILLIAM STOKOE’, da ASL, e o sinal de ‘JAPÃO’, da Língua de Sinais Japonesa (LSJ).

Tabela 4 | Exemplos de xenismo

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
JAPÃO			JSL/SI
VALERIE SUTTON			ASL
WILLIAM STOKOE			ASL

Fonte: Elaboração própria.

No xenismo, os sinais permanecem os mesmos da língua original, ou seja, continuam com a aparência estrangeira.

¹⁰ Orientação: mão esquerda, palma para cima; mão direita aberta, palma para baixo, dedos inclinados para a esquerda, tocando a palma esquerda. Girar para direita, para cima e para baixo, rapidamente, duas vezes.

¹¹ É importante entender que há diferença entre esses dois sinais ‘INTÉRPRETE’ e ‘TRADUÇÃO’, o primeiro designa o profissional da tradução, enquanto o segundo é o ato em si de traduzir.

Em suma, considera-se a língua viva, língua que se move ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói em seu curso. Nada é estático, como já professou Carvalho (2009) sobre a língua portuguesa.

Considerações Finais

Em uma análise final dos dados, os resultados obtidos foram 25 sinais coletados e classificados como Empréstimos Linguísticos. Uma vez feito o recorte da tipologia de Carvalho (2009), buscou-se encontrar os exemplos de empréstimos que fossem compatíveis e exemplificassem a categoria recortada.

O registro etimológico dos léxicos constitui-se como um importante desafio para o desenvolvimento dos estudos em língua de sinais. Esta pesquisa pode ser o primeiro passo nesse sentido, ao levar em consideração a história da entrada de léxicos na Libras, buscando compreender esse processo.

Com os dados obtidos tornou-se possível afirmar que há Empréstimos Linguísticos entre línguas de sinais, pois foram identificados itens lexicais nas videoaulas do curso de Letras Libras (2006) que foram categorizados de acordo com a tipologia proposta, sendo 25 sinais ao todo.

Quanto aos Empréstimos Linguísticos entre línguas de sinais, enfoque pouco dado em pesquisas já realizadas no Brasil, Diniz (2010) salienta que os empréstimos entre línguas de sinais tem se ampliado progressivamente. Os movimentos sociais marcam grandes encontros de pessoas de diferentes lugares, idades, gêneros, classes sociais, e mesma língua, fomentando e favorecendo a sua expansão, por meio do intercâmbio, difusão dos regionalismos e das variações da Libras.

É importante lembrar que os fenômenos linguísticos tais como os Empréstimos Linguísticos estão presentes não somente nas videoaulas desta pesquisa, mas também e principalmente em eventos internacionais seja na área de pesquisas em línguas, seja na área política ou cultural. Além do contato entre línguas que acontecem em eventos, há também os meios virtuais e digitais, tais como websites e redes sociais, e outros que podem propiciar o contato de surdos falantes de línguas de sinais diferentes, favorecendo o surgimento de Empréstimos Linguísticos. Dessa forma, esta pesquisa refletiu sobre a classificação dos Empréstimos Linguísticos de outras línguas de sinais para Libras. Concluo este trabalho ressaltando a necessidade de novos estudos nessa perspectiva, para o fortalecimento e enriquecimento dos Estudos Linguísticos na área das línguas de sinais.

Referências Bibliográficas

- BASTARRICA, M. L. *Empréstimos Linguísticos do Inglês: Um estudo do léxico do comércio exterior à luz da teoria da variação em terminologia*. Dissertação (mestrado) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAMPELLO, A. R. S. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: Século XVIII a XXI. *Revista Mundo & Letras*, v. 2, São Paulo: José Bonifácio, 2011.
- CARVALHO, N. *Empréstimos Linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo, SP: Cortez, 2009.
- DINIZ, H. G. *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2010.
- FARIA, S. P. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica*. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2009.
- MCCLEARY, L. *Sociolinguística*. Curso de Licenciatura em Letras- Libras Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- NASCIMENTO, C. B. *Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato*. 112 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2010.
- ROCHA, S. *O INES e a educação de surdos no Brasil. Governo do Brasil*. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro. 2007.